

BIBLIOLOGIA

Responsabilidade: Pr. Paulo Lázaro

INTRODUÇÃO BÍBLICA

1 - INTRODUÇÃO

A Introdução Bíblica trata do estudo introdutório e auxilia das Sagradas Escrituras; que nos leva a uma melhor compreensão dos fatos da Bíblia. Um ponto saliente nele é a história da Bíblia mostrando como ela chegou até nós. Apesar de ser a Bíblia um livro divino, veio a nós por canais humanos, manifestando a vontade

de Deus através de uma linguagem humana, para que o homem possa entendê-lo. Por essa razão, a Bíblia faz alusão a tudo o que é terreno e humano. Menciona países, montanhas, rios, desertos, mares, climas, solos, estradas, plantas, produtos, minérios, comércio, dinheiro, línguas, raças, usos, costumes, culturas, etc. Isto é, Deus, para fazer-se compreender, vestiu a Bíblia da nossa linguagem, bem como do nosso modo de compreender. O autor da Bíblia é Deus, mas os escritores foram os homens.

Certo autor anônimo corretamente declarou: "A Bíblia é Deus falando ao homem; Deus falando através do homem; é Deus falando como homem; é Deus falando a favor do homem; mas é sempre Deus falando!".

2 - ANTES DE HAVER UMA BÍBLIA

Parece-nos difícil acreditar no mundo não tinha uma Bíblia. Todavia, durante os primeiros tempos, parece que não havia uma revelação escrita. Não se registra quaisquer escritos inspirados antes dos dias de Moisés. Apesar de haver homens santos naqueles dias primitivos, com os quais Deus tinha freqüentes comunicações verbais, mesmo assim nós não encontramos escrito que qualquer um deles fosse inspirado para escrever a Palavra de Deus, ou para colocar a Palavra de Deus em forma escrita, fê-lo verbalmente, de uma maneira direta e pessoal, como fez Adão

(Gn 2.16); com Caim (Gen 4.6); Noé (Gen 6.13); Abraão (Gn12.1); Isaque (Gen 26.21); Jacó (Gn 28.13); e outro caso encontra-se no livro de Jó (40.12).

Parece que por este meio verbal, Deus instruiu o homem concernentemente a muitas leis que depois foram incorporadas ao Pentateuco. Desde o princípio o homem possui, sem as Escrituras, o conhecimento de Deus.

Devemos sempre lembrar, que além de revelações verbais da parte de Deus, havia outras duas formas de conhecimento independentes a cerca de Deus: a natureza (ou as obras de Deus) (Sl 19.1-3; Rm1.19,20), a consciência (Rm 2.14-15), e a história; porém, estas três testemunhas ou formas de conhecimento eram incompletos, porque a natureza somente nos ensina que há um Deus, mas não diz quem é Ele, enquanto que a valiosa dádiva da consciência pode ser abusada, até o ponto de render-se inativa (1 Tim 4.2).

Com relação às comunicações verbais, deve-se dizer que ela só era dirigida a algumas pessoas privilegiadas, que andavam com Deus, ou a quem Deus tinha uma mensagem especial. Sem dúvida, havia uma necessidade de uma revelação mais ampla, clara, e de forma que todos pudessem receber. Essa revelação teria de ser escrita, tal como está na Bíblia (1Pe 1.13), que não somente nos conta que há um Criador, mas que diz quem é Ele e o que Ele espera de nós.

3 - ORIGEM E SIGNIFICADO DA PALAVRA BÍBLIA

A palavra Bíblia é o plural da palavra grega "biblion", nome este dado pelos gregos a um rolo de papiro de tamanho pequeno, (uma folha de papiro era chamada pelos gregos de "biblos"), portanto, Bíblia é o conjunto de vários destes rolos de papiros..

Literalmente a palavra Bíblia significa "coleção de pequenos livros". É consenso geral entre os doutos no assunto, que o nome Bíblia foi primeiramente aplicada às Sagradas Escrituras por João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, no século IV.

Devido à sua unidade, apesar da palavra Bíblia ser um plural, ela passa a ser singular, significando o LIVRO, isto é, o LIVRO dos livros ou O LIVRO por excelência.

Apesar do termo Bíblia não se encontrar literalmente no texto Sagrado, podemos encontrar o seu sentido por toda a Bíblia numa espécie de inferência, vejamos alguns exemplos:

- a-) "...eu, Daniel, entendi pelos livros..." (Dn 9.2)
- b-) "...Nunca lestes nas Escrituras..." (Mt 21.42)
- c-) "...as Sagradas Letras..." (2 Tm 3.15)
- d-) "Toda Escritura é divinamente inspirada por Deus..." (2 Tm 3.16)

O termo Bíblia indica aqueles livros que são reconhecidos como canônicos pela Igreja Cristã. Os nomes mais comuns que a Bíblia dá de si mesma, isto é, os nomes canônicos são:

Escrituras (Mt 21.42); Sagradas Escrituras (Rm 1.2); Livro do Senhor (Is 34.16); A Palavra de Deus (Mc 7.13; Hb 4.12); os Oráculos de Deus (Rom 3.2).

4 - CÂNON OU ESCRITURAS CANÔNICAS

Cânon ou Escrituras Canônicas é a coleção completa de livros divinamente inspirados que constitui a Bíblia.

O vocábulo grego "Kanōn", originalmente significa "instrumento de medir" ou "vara de medir", é o nome de uma peça de madeira, ou de outro material de que usam os pedreiros, os carpinteiros e outros profissionais para alinhar ou nivelar sua obra.

Com o passar do tempo, o termo encontrou no vocabulário eclesiástico um emprego no sentido metafórico, em sentido figurado, é tudo que serve para regular ou determinar outras coisas, especialmente livros clássicos.

Em sentido religioso, cânon não significa aquilo que mede, mas aquilo que serve de norma, regra. Com este sentido, a palavra cânon aparece no original em vários lugares do Novo Testamento (Gl 6.16; 2Co 10.13 e Ef 3.18).

Não foi senão em meados do quarto século de nossa era que o termo parece ter sido aplicado à Bíblia. No uso grego a palavra cânon parece ter sido primeiramente denotado apenas a lista de escritos sagrados, mas, no latim, também se tornou nome para as próprias Escrituras, o que indicava que as Escrituras são a regra de ação investida com autoridade divina, portanto, a Bíblia como Cânon Sagrado, isto é, os livros que foram inspirados por Deus, são a nossa "ÚNICA" regra de fé e prática. Diz-se dos livros da Bíblia que são canônicos para diferenciá-los dos livros apócrifos, (isto é, livros sem inspiração divina, espúrios), o emprego do termo Cânon aplicado aos livros da Bíblia (conjunto de livros inspirados por Deus), foi primeiramente usado por Orígenes (185-254 d.C).

O Cânon do Antigo Testamento foi formado num espaço de mais ou menos 1.046 anos, de Moisés a Esdras; já o Cânon do Novo Testamento formou-se nos 100 primeiros anos da era cristã; porém o reconhecimento canônico demorou um pouco mais, devido à necessidade da Igreja da época obter provas contundentes da autoridade dos livros. Contando com o período interbíblico, podemos dizer que o Cânon abrange na história, um período aproximado de 16 séculos, com cerca de 40 diferentes autores.

5 - AS DIVISÕES DA BÍBLIA

O Cânon do Antigo Testamento, como o temos atualmente, ficou completo desde o tempo de Esdras, após 445 a.C.. O Antigo Testamento, entre os judeus, tem as três divisões (Lc 24.44), LEI, PROFETAS e ESCRITOS. A atual divisão procede da SEPTUAGINTA, através da Vulgata Latina, feita do hebraico para o grego, cerca de 285 a.C., numa disposição diferente da divisão judaica, tanto de localização, como em números de livros (pois nesta tradução, foram desmembrados alguns livros que os judeus contavam como um só).

Atualmente, o Antigo Testamento, é dividido em 4 partes; e a última parte subdividi-se em outras duas partes, as quais são:

LEI OU PENTATEUCO - (atribuído a Moisés): Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio (5livros): Tratam da origem das coisas, da Lei e estabelecimento da nação israelita.

Júlio Welhausen (1844-1918), um dos mais preeminentes nomes no terreno do criticismo bíblico do século passado, professor das Universidades de Greifswald, Marburg e Gottingen, nos seus esforços para negar o fato de Moisés ter sido o autor dos livros que lhe são atribuídos, negou a própria possibilidade dele, Moisés, os haver escrito. Usou um argumento que, no seu tempo, parecia ser irrefutável. Dizia que, se tão somente fosse possível saber que Moisés pudesse ter usado uma escritura que chegasse até nós, seria ridículo não aceita-lo. Era possível argumentar desta maneira porque, de acordo com o que se conhecia na época, quando as primeiras grandes descobertas arqueológicas estavam começando a empolgar o mundo e quando se dizia

que tudo tinha de ser resolvido pela razão, se dava como certo que o alfabeto fora inventado pelos fenícios e que nossa escrita tinha neles sua origem.

No tempo do renomado crítico alemão, o mundo estava fascinado com os efeitos de Champolion (1790-1832) e de Rawlinson (1810-1895), cujas descobertas permitiam que se lessem hieróglifos e cuneiformes que estavam escritos nos papiros, paredes, tijolinhos, estelas, etc., daqueles povos antigos. Só então é que se soube definitivamente que os sinais gravados em tantos monumentos não eram simples elementos decorativos como criam alguns, mas uma escrita real que desvendava, agora, para o nosso tempo, tudo aquilo que os povos do Nilo e da Mesopotâmia pensavam e faziam.

Ora, deveria ter raciocinado Welhausen, se o alfabeto da nossa escrita fora inventado pelos fenícios que viveram em época bem posterior à de Moisés, este, se de fato tivesse escrito seus livros, só o poderia ter feito na língua que aprendera no Egito e que era a única da época na região, o hieróglifo. Neste caso, teria ele continuado a raciocinar, seus escritos só poderiam ter vindo ao nosso conhecimento depois de Champolion fazer suas descobertas. Portanto, não era possível admitir que os livros atribuídos a Moisés pudessem ter sido escritos por ele. A única conclusão possível era, pois, a de que tais livros tivessem sido escritos em épocas bem posteriores às que lhe eram atribuídas e, conseqüentemente, seus autores seriam outros que, na melhor das hipóteses, poderiam ter colecionado lendas, sagas e tradições.

Como já dissemos, tudo isso era praticamente impossível de ser refutado na época e o número de críticos e céticos aumentavam constantemente. Era a moda, e este ceticismo dava até status social a quem o defendesse.

Acontece, porém, que no princípio do século XX ou, mais precisamente, nos anos 1904 e 1905, Sir Flinders Petrie, famoso arqueólogo inglês, fazendo escavações na Península do Sinai patrocinadas pela Escola Britânica de Arqueologia, descobriu algumas inscrições desconhecidas e que apresentavam alguma semelhança com os hieróglifos. O caso despertou enorme interesse entre os estudiosos do assunto, especialmente quando viram surgir em outros lugares da Palestina mais vasos e óstracos com sinais semelhantes. Para encurtar a história, o caso foi elucidado completamente por arqueólogos famosos, inclusive W.F. Albright, e hoje se sabe que os sinais descobertos por Petrie pertencem à escrita proto-sinaítica e esta era alfabética! Com esta descoberta, a origem do nosso alfabeto se transportou da época dos fenícios para a dos seus antepassados de vários séculos, os cananeus, que viveram no tempo de Moisés e antes dele.

Estes cananeus tiveram, segundo tudo quanto sabemos hoje, a feliz idéia de simplificar a escrita egípcia, passando a usar um pequeno número de símbolos, ao invés dos complicados hieróglifos, isto é, passaram a usar sinais que representam sons, em lugar de sinais que representam idéias.

Para o assunto que estamos discutindo, esta descoberta é de muita importância, porque estes cananeus, os inventores da escrita alfabética, viveram exatamente na região onde Moisés pastoreou as ovelhas do seu sogro. Convém, portanto, que conheçamos um pouco mais sua história.

As minas de cobre e turquesa da região do Sinai são antiqüíssimas, mas foi a partir da XII Dinastia do Egito, durante o século XX AC, que os Faraós começaram a explorar regularmente as que ficavam em Serabith-el-Khadem, distante cerca de 80 Km, a noroeste do tradicional Monte Sinai onde foram dados os Dez Mandamentos. Foi em Serabith-el-Khadem que Petrie fez suas descobertas e, em termos de jornada, esta região distava cerca de três dias de viagem do Egito. No século XV AC, muitos semitas trabalhavam para os egípcios nestas minas e, de acordo com o que os arqueólogos pesquisaram, sua religião era bem semelhante à dos israelitas. Foi para esta região, a mesma que naqueles tempos antigos era conhecida pelo nome de "terra de Mídia", que "Moisés fugiu da presença de Faraó".

Com estas e outras descobertas, muitos dos argumentos apresentados pela Crítica Histórica para contestar a verdade bíblica perderam sua razão de ser, porque as histórias narradas pelo Livro Sagrado passaram a ser perfeitamente compreensíveis à luz dos costumes da época. No caso específico de Moisés, sua boa convivência com seu sogro, o sacerdote Jetro, poderia muito bem ter sido motivada pelas religiões de ambos que eram muito semelhantes.

Ora, tendo Moisés vivido durante quarenta anos nesta região, é óbvio que tomou contato com a escrita aparentemente rude daquele povo, e viu nela a escrita do futuro. Passou logo a usá-la por duas razões importantes que teria julgado decisivas: a 1ª bem poderia ter sido a impressão grandiosa de poder usar uma escrita alfabética, composta apenas de vinte e dois sinais e que era, portanto, muitíssimo mais simples do que os complicados e infundáveis sinais ideográficos que aprendera nas escolas do Egito. A outra poderia ter sido o fato de compreender o fato de que estava escrevendo para seu próprio povo, cuja origem semita era a mesma dos habitantes da terra em que vivia e cuja religião era idêntica à dos israelitas, dela se diferenciando apenas nas deturpações que sofrera por causa da influência pagã reinante naquelas paragens.

Moisés compreendeu que os leitores dos seus livros seriam homens e mulheres, moços e moças do povo que, não sendo versados em hieróglifos, aprenderiam com

muito mais facilidade os poucos e simples sinais alfabéticos que representavam sons, do que os inúmeros e complicados hieróglifos que representavam idéias. Em outras palavras, Moisés teve a grande percepção de que estava escrevendo não para o mundo culto do Egito, orgulhoso de sua cultura e da sua escrita complicada, e que odiava a religião semita, mas para o povo, neste caso, o seu próprio povo que, com este sistema, poderia aprender a ler e escrever muito mais rapidamente, e muito mais rapidamente ainda, por em prática as ordens de Jeová que diziam: "Estas palavras que hoje te ordeno...as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas." Isto seria completamente impossível de ser feito, caso o povo tivesse de usar os hieróglifos. Com esta decisão, Moisés deu preferência à escrita do futuro!

A frase de Welhausen, a de que seria ridículo não aceitar a autoria de Moisés se ele pudesse ter escrito nos seus dias, e que seus discípulos proclamaram com tanta veemência, deveria ser respeitada sem mais constatações agora, depois destas descobertas e, coerentes, deveriam tais críticos reconhecer a autoria mosaica destes livros do Velho Testamento. Grande nº dos críticos, porém, preferiu continuar com suas negativas, estribando-se em outros argumentos como, por exemplo, o dos erros dos copistas que, na época, ainda eram certos e indiscutíveis.

Pouco se preocupando, porém, com o que racionalistas e céticos de séculos vindouros viessem a dizer, Moisés e os demais escritores do Velho Testamento continuaram sua obra de transmitir aos homens a história do povo de Deus e as mensagens de advertência dadas pelo Céu para servirem de aviso a "nós outros sobre que os fins dos séculos têm chegado". Foi assim e foi por isto que se escreveu a Bíblia.

A - HISTÓRIA OU HISTÓRICOS - São 12 livros - Josué, Juízes, Rute, I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras, Neemias e Éster. E tratam da história de Israel em diversas fases, como se segue: **TEOCRÁTICO** (onde Deus era o governante do povo; não havia rei humano), sob os Juízes; **MONÁRQUICO**, sob Saul, Davi e Salomão; **DIVISÃO DO REINO E CATIVEIRO**: formação do reino de Judá e Israel - Judá foi levado para o cativeiro em Babilônia e Israel para a Assíria; **PÓS CATIVEIRO**: sob Zorobabel, (descendentes de reis de Judá; Esdras e Neemias em conjunto com os profetas contemporâneos.

B - POESIA, POÉTICOS OU DEVOCIONAIS - 5 livros: Jô, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão.

C - PROFÉTICOS OU PROFECIA - 17 livros, de Isaías a Malaquias, subdivididos em:

D - Profetas Maiores - 5 livros: Isaías, Jeremias, Lamentações de Jeremias, Ezequiel e Daniel. - 5 livros.

E - Profetas Menores - 12 livros: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

A designação de profetas Maiores ou Menores, não se refere à importância de suas profecias, e sim ao tamanho do livro ou tempo de ministério.

6 - AS DIVISÕES DO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento também é dividido em 4 partes a saber:

a) BIOGRAFIA - São os quatro evangelhos; os três primeiros são chamados de **SINÓTICOS** pois foram escritos sob o mesmo ponto de vista, e há um certo paralelismo entre eles. Os evangelhos descrevem a vida terrena de Jesus e seu glorioso ministério.

b) HISTÓRIA - 1 livro - Atos dos Apóstolos registra a história da Igreja primitiva, o cumprimento das promessas concernentes ao derramamento do Espírito Santo, seu viver, e a expansão do evangelho.

c) EPÍSTOLAS OU CARTAS - São 21 livros; sendo 13 escritos por Paulo, chamadas "paulinas" - Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses, I e II Timóteo, Tito, Filemon; 7 universais: Tiago, I e II Pedro, I, II e III João e Judas, e uma aos Hebreus, onde seu autor não é conhecido.

As epístolas paulinas estão assim divididas: São 9 cartas dirigidas às Igrejas (Romanos a Tessalonicenses), e 4 dirigidas à indivíduos; sendo 1 e 2 Tm e Tt, chamadas de cartas pastorais e uma pessoal à Filemon.

PROFECIA - 1 livro - Apocalipse ou Revelação - trata de diversos assuntos escatológicos.

7 - DIVISÃO DA BÍBLIA EM CAPÍTULOS

No ano de 1250 a Bíblia foi dividida em capítulos pelo cardeal Hugo. As divisões, embora muito convenientes para referências, às vezes estão longes de serem bem, arranjadas.

8 - A DIVISÃO DA BÍBLIA EM VERSÍCULOS

A divisão da Bíblia em versículos não foi feita senão somente 300 anos depois da divisão em capítulos. Em 1560 uma edição de versão importante da Bíblia apareceu com a Bíblia de Genebra, porque foi preparada pelos reformadores de Genebra, para onde haviam fugido alguns reformadores por causa da perseguição da rainha Mary.

9 - A BÍBLIA HEBRAICA

Nos tempos de Jesus Cristo os judeus consideravam formado o cânon sagrado do Velho Testamento encerrado por Esdras e Neemias e, daí por diante, ninguém mais ousou alterá-lo. Embora mais recentemente alguns queiram demonstrar que a formação do cânon seja posterior, o que não tem qualquer sombra de dúvida é que ele já estava formado nos tempos de Cristo.

Os judeus dividem os vinte e quatro livros da sua Bíblia nas seguintes partes; A Lei (Torá), os Profetas (Nebiím) e os Escritos (Ketubim). O Novo Testamento faz referências a esta tríplice divisão, sendo que Jesus, Felipe e Paulo falaram da Lei e dos Profetas, e tanto os Evangelhos como os Atos dos Apóstolos mencionam constantemente a "Escritura" do Velho Testamento.

A Bíblia Hebraica começa, portanto, com o livro de Gênesis e termina com o de II Crônicas, fato que explica a frase de Jesus em S. Lucas 11:51, quando o Mestre, para condenar todos os crimes cometidos diante do altar, começou com o de Abel,

relatado no livro de Gênesis (4:8), primeiro livro da Bíblia, e foi até o de Zacarias, relatado em II Crônicas(24:11), que é o último livro da Bíblia. Com isto, inclui todos os mencionados pelas Sagradas Escrituras, desde seu princípio até o fim.

À medida que a Bíblia Hebraica foi sendo traduzida para outros idiomas, a começar pela Septuaginta, a posição destes livros começou a ser alterada com o propósito de se dar a eles uma ordem mais cronológica, mais histórica e mais profética, chegando-se, finalmente à ordem que temos em nossas Bíblias atuais. É apenas uma questão de ordem e não de conteúdo.

Embora o cânon da Bíblia Hebraica já estivesse fixado desde alguns séculos antes de Cristo, malgrado as afirmações de Josefo, não faltaram os que quisessem alterá-lo, voltando-se especialmente contra os livros de Éster e Cantares. Era fundamental, portanto, que esta querela se resolvesse de vez, porque os líderes judeus se tinham convencido de que nos livros Sagrados estavam a grande força de coesão do seu povo, coesão esta grandemente ameaçada pela Diáspora, ou seja, pela dispersão dos judeus no Império Romano, provocada não só pelas perseguições sofridas, mas também pelo espírito de comércio e de aventura de muitos deles e, convém ressaltar, missionários de outros.

A situação se agravou tanto após a queda de Jerusalém no ano 70 AD, que o Grande Sinédrio, cuja sede se transferira para a cidade de Jâmnia, resolveu convocar um concílio afim de resolver de vez o assunto. Não há certeza quanto à data deste Concílio, mas ele deve ter ocorrido entre os anos de 90 a 118 da nossa Era, tendo como uma das suas grandes figuras o Rabi Aquiba Ben José que se destacou na defesa incondicional do cânon já estabelecido. Este Concílio se decidiu, definitivamente, pela confirmação do antigo cânon. Dali por diante, não houve mais qualquer dúvida a respeito.

O Concílio de Jâmnia não só confirmou os livros do cânon sagrado, mas também escolheu seus melhores manuscritos, oficializou-os e decretou a destruição de todos os demais, para que houvesse a tão desejada unidade. O Concílio foi ainda além: para evitar que os manuscritos escolhidos viessem a ser deteriorados por copistas não zelosos, decidiu também sobre as regras que foram mantidas e aperfeiçoadas por homens extremamente zelosos dos livros sagrados e da tradição hebraica, e que ficaram conhecidos pelo nome de "massoretas".

Confirmando o cânon dos Livros Sagrados, escolhendo os melhores textos de seus manuscritos e fixando normas para copiá-los, o Concílio de Jâmnia preservou a Bíblia hebraica com toda a autoridade religiosa da erudição e do zelo judaicos.

Quanto aos cristãos, esta luta interna dentro do judaísmo não deve ter tido muita repercussão, porque, mesmo enquanto se formava o cânon do Novo Testamento, os únicos livros do Velho Testamento cuja leitura era oficialmente permitida nas reuniões públicas eram os vinte e dois do cânon hebraico segundo Josefo.

10 - AS BÍBLIAS HEBRAICAS MODERNAS

Logo depois dos judeus voltarem do seu cativeiro na Babilônia, surgiram na Palestina os *soferim*, homens cultos e zelosos que se dedicavam à preservação dos documentos sagrados, colecionando as variantes que encontravam e buscando aprimorar o texto. Quando copiavam os livros sagrados, eram tão exatos que chegavam até a contar o número de letras e palavras de cada livro.

Isso aconteceu não só na Palestina, entre os judeus que regressavam do exílio, mas também na Babilônia, entre os judeus que lá ficaram. Os *soferim* de lá demonstravam o mesmo cuidado e tinham o mesmo propósito que seus companheiros na Palestina.

A maior dificuldade que havia era o problema das vogais, porque estas não são escritas na língua hebraica. A língua é consonantal e deixa as vogais por conta do leitor. Nos primeiros tempos, ou melhor, quando o povo formava um núcleo bastante compacto, não havia, praticamente, problema muito sério na preservação destas vogais, mas, quando os grupos começaram a separar-se após a volta do cativeiro babilônico, a situação passou a se agravar, surgindo a necessidade de se criar um processo que indicasse as vogais corretas de cada palavra, tarefa tanto mais difícil porque ninguém queria alterar o texto propriamente da escrita. Este assunto era pacífico.

A maneira encontrada para fazer esta vocalização sem tocar no texto, foi colocar as vogais em forma de sinais escritos entre as consoantes, por baixo e por cima delas. O problema que havia era mais ou menos semelhante ao que nós teríamos em nossa língua, se escrevêssemos apenas as consoantes. Assim as palavras "rato", "rata", "reto", "reta", "rito", e "roto", seriam todas escritas com apenas duas consoantes "rt", as palavras "tudo", "tido", "todo" e "toda", apenas com "td", e assim por diante. Talvez o problema não fosse tão complicado porque a variedade de significados que têm as palavras escritas com as mesmas consoantes e vogais diferentes não seja tão grande como em português.

Deste trabalho dos soferim nasceu uma tradição vocálica que passou a ter o nome de massorá e os que a criaram e preservaram, passaram a ser chamados de massoretas. Por sua vez, além dos sinais vocálicos, a massorá passou a incluir também indicações relativas a variações de textos, bem como outras informações que permitem um estudo mais completo destes textos, esclarecendo-os o melhor possível.

11 - SIGNIFICADO DA PALAVRA TESTAMENTO

A palavra "Testamento" vem do termo grego "diatheke" e significa :

- a) Aliança ou concerto.
- b) Documento contendo a última vontade de alguém quanto a distribuição de seus bens, a pós a morte.

No Antigo Testamento, a palavra usada é "berith" e significa apenas "concerto". O duplo sentido do termo grego nos mostra que a morte do testador (Cristo), ratificou ou selou a Nova Aliança, garantindo-nos toda a herança com Cristo (Rm 8.17; Hb 9.15-17).

12 - MANUSCRITOS ORIGINAIS

Apesar de que nós, muitas vezes, ouvimos falar dos manuscritos originais, é um facto notável que, de todos esses escritos sagrados, pelo que sabemos, não há nenhum verdadeiramente original, nem no Velho Testamento e nem no Novo Testamento, em existência. Em alguns casos, quando estes preciosos documentos tornaram-se velhos, foram reverentemente enterrados pelos judeus, que usaram cópias autênticas em lugar delas; em outros casos, manuscritos foram perdidos durante a guerra e perseguição pelas quais o povo de Deus foi oprimido de vez em quando.

Há hoje, milhares de manuscritos hebraicos e grego, os quais foram copiados dos antigos manuscritos, por escribas judeus de tempos em tempos. Geralmente, estes são documentos referidos quando os originais são mencionados.

13 - MATERIAIS USADOS PARA A ESCRITA DOS MANUSCRITOS BÍBLICOS

A-) Papiro - planta aquática própria das margens alagadiças do Rio Nilo na África, especialmente no Egito; é uma espécie de junco de grandes proporções; o material dessa planta era usado para fazer uma espécie de papel.

B-) Pergaminho - eram peles de animais curtidas e amaciadas, preparadas para a escrita, foi usada pelos egípcios e pelos babilônicos. O pergaminho preparado de modo especial chamava-se "Velo".

C-) Linho - tem sido encontrado nas descobertas arqueológicas.

D-) Ostraco - fragmento de cerâmica, foi muito usado na Babilônia

E-) Madeira

F-) Pedra - (Ex 24.12; Js 8.30-32).

G-) Tábuas recobertas de cera - (Lc 1.63).

A tinta - usada pelos escribas, era uma mistura de carvão em pó com uma substância líquida, semelhante à goma arábica (Ez 9.2)

Usava-se penas de aves, pincéis finos e um tipo de caneta feita de madeira porosa e absorvente. Para a cera, utilizava-se um estilete de metal.

14 - AS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA

O hebraico e o aramaico para o Antigo Testamento, e o grego para o Novo Testamento, são línguas originais da Bíblia.

A-) O Hebraico - Todo o Antigo Testamento foi escrito em hebraico, o idioma oficial da nação israelita, exceto algumas passagens de Esdras, Jeremias e Daniel, que foram escritas em aramaico.

B-) O Aramaico - A influência do aramaico foi profunda sobre o hebraico, começando no cativeiro do reino de Israel em 722 a.C. na Assíria, e continuando através do cativeiro de reino de Judá, em 587, em Babilônia. Em 536, quando Israel começou a regressar do exílio, falava o aramaico como língua vernácula. No tempo de Cristo, o aramaico tornara-se a língua popular dos judeus e nações vizinhas; estas foram influenciadas pelo aramaico devido às transações comerciais dos arameus na Ásia Menor e litoral do Mediterrâneo.

O Antigo Testamento, além destas duas línguas principais, contém algumas palavras persas, como "sátrapa" (Dn 3.2).

C-) O Grego - Esta é a língua em que foi escrito originalmente o Novo Testamento. A única dúvida paira sobre o livro de Mateus, que muitos eruditos afirmam ter sido escrito em aramaico. O grego faz parte do grupo de línguas arianas. É língua de expressão muito precisa e, das línguas bíblicas, é a que mais se conhece, devido a ser mais próxima da nossa. O grego no Novo Testamento não é o grego clássico dos filósofos, mas o dialeto popular do homem da rua, dos comerciantes, dos estudantes, que todos podiam entender: era o "Koiné". Este dialeto formou-se a partir das conquistas de Alexandre em 336 a.C. Todas as nações conhecidas receberam a influência da língua grega. Deus preparou, deste modo, um veículo lingüístico para disseminar as novas do Evangelho até os confins do mundo, no tempo oportuno. Ele não enviaria o Seu Filho ao mundo enquanto este não estivesse preparado, a esse preparo incluía uma língua conhecida por todos. (Gl 4.4)

15 - TRADUÇÕES DA BÍBLIA

Vamos agora traçar as muitas etapas interessantes da história destas diversas traduções desde os tempos mais antigos até o presente:

A) A VERSÃO SEPTUAGINTA

É comumente designada por "LXX". O nome vem do latim "septuaginta", que quer dizer "70". Ptolomeu Filadelfo, que reinou de 285-246 a.C. solicitou ao sumo sacerdote judaico, (por proposta de seu bibliotecário), Eleazar, que lhe enviasse doutores versados nas Escrituras e queria uma versão delas para enriquecer sua vasta biblioteca, em Alexandria. O sumo sacerdote escolheu 72 eruditos (6 de cada tribo) e enviou-os a Alexandria, os quais completaram a versão em 72 dias.

O cânon dos Livros Sagrados, Torá, Nebiím e Ketubim, ou seja, "a Lei, os Profetas e os Escritos", já estava formado muito antes do Senhor Jesus nascer. O Concílio de Jâmnia, que se reuniu posteriormente, apenas o confirmou. Contudo, já existia naqueles tempos uma tradução da Bíblia Hebraica para o grego e que fora feita a partir do século III AC com o propósito de atender às necessidades dos judeus da Diáspora, isto é, daqueles que residiam no exterior, dos quais muitos já nem mais sabiam falar a língua materna. Esta tradução ficou sendo conhecida pelos nomes de "Versão dos Setenta", "Septuaginta" ou, abreviadamente, LXX, por causa de uma história ou lenda que a ela se atribui.

Com o propósito de possuir uma tradução grega da Bíblia Hebraica para uso dos judeus de Alexandria, Aristéias e o bibliotecário real, Demétrio de Falero, valendo-se do gosto que o rei tinha por sua biblioteca e pelas obras mais importantes do mundo, conseguiu convencê-lo não só a dotar a biblioteca real com este precioso volume, mas também mandar traduzi-lo para o grego. Atendendo ao pedido, o rei escreveu para

Eleazar, sumo sacerdote em Jerusalém, pedindo-lhe que enviasse a monumental obra juntamente com seus homens capazes de fazer a tradução. Respondendo, Eleazar escolheu seis sábios de cada tribo, enviando-os ao monarca egípcio juntamente com um exemplar da Bíblia Hebraica. Na Ilha de Faros, estes setenta e dois homens, alojados, segundo uma variante desta história, em trinta e seis celas separadas, dois em cada cela e, segundo outra, setenta e duas celas, conferiram umas com as outras palavra por palavra. A magistral obra foi lida, depois, para os judeus de Alexandria, sendo imensamente apreciada. Ptolomeu II, o Filadelfo, ficou tão satisfeito com o trabalho destes piedosos sábios que os cumulou de presentes, enviando-os também em grande número para Eleazar e para os sacrifícios do Templo em Jerusalém.

B) A HÉXAPLA, DE ORÍGENES

Não é propriamente uma versão; é obra compreendida. Devido a falhas na tradução da Septuaginta, Orígenes, grande erudito da Igreja primitiva, compôs, em Cesaréia, a sua Hécxapala, ou versão de 6 colunas, em 228 d.C.. As seis colunas estão dispostas da direita para a esquerda, assim:

1º - O texto hebraico.

2º - O texto grego traduzido do hebraico.

3º - A versão de Áquila.

4º - A versão de Simaco.

5º - A Septuaginta.

6º - A versão de Teodocião.

C-) A VERSÃO VULGATA

No século II da era cristã, o latim substituiu o grego e ficou por muitos anos, a linguagem diplomática da Europa. Jerônimo, o homem mais sábio de seu tempo em assuntos bíblicos, realizou uma versão em 387-405 d.C., e tinha 60 anos quando iniciou a tarefa. Esta versão ficou conhecida como "Vulgata" significando versão popular, corrente, do povo. Esta versão baseou-se na hécxapla de Orígenes. Por mil anos a Vulgata foi a Bíblia mais usada em quase toda a Europa, foi também a base de inúmeras traduções para outras línguas. Foi decretada como a Bíblia oficial da Igreja Romana no Concílio de Trento em 1546.

Embora a língua oficial do Império Romano fosse o latim, era o grego que mais se falava por toda parte e sua influência foi muito grande na formação do texto sagrado.

Os escritores do Novo Testamento usaram esta língua. Conseqüentemente, à medida que o latim ia sendo cada vez mais usado pelo povo e o grego cada vez mais abandonado, iam surgindo por toda a parte, especialmente no norte da África e na Itália, e cada vez em maior número, traduções de trechos da Bíblia nesta língua, que se baseavam, a maioria das vezes, na Septuaginta. Estas traduções não eram feitas ordenadamente, mas iam surgindo como porções do Velho e do Novo Testamento que ficaram conhecidas pelos nomes de "Africanas" e "Européias", conforme procedessem na África ou da Europa. Entre estas últimas, eram muito conhecidas as "Itálicas" ou "Ítala", provindas da Itália. No fim do século IV, graças a estas porções todas, se pode dizer que já havia uma "Bíblia Latina", chamada de *Vetus Latina*, ou, em nossa língua, *Velha Latina*. Não é, pois, de estranhar que uma tradução feita desta maneira estivesse cheia de erros.

É possível enumerar os que traduziram as Escrituras do hebraico para o grego, mas não é possível fazer o mesmo com os tradutores latinos, porque, nos primeiros períodos da fé cristã, todos aqueles em cujas mãos chegava um manuscrito grego e supunham ter algum conhecimento de ambas as línguas, aventuravam-se a traduzir.

É fácil imaginar o que resultou dessas improvisações feitas pelos que se julgavam aptos para a tarefa: tanto as traduções como suas cópias estavam cheias de erros. Jerônimo se queixava disto ao falar da corrupção que havia nestas traduções latinas e dizia que "as formas dos textos eram quase tantas como os códices".

Diante disso, os cristãos mais zelosos da época sentiam a grande necessidade que havia de uma tradução melhor, digna de confiança, que estivesse livre de erros e que estivesse à altura do cristianismo nascente.

Foi Sophronius Eusebius Hieronymus (c. 340-420), mais conhecido pelo nome de São Jerônimo, quem contribuiu decisivamente para a solução desse problema.

Cansado de fazer tantas revisões nos textos mal traduzidos do grego e impressionado com as dificuldades que enfrentava nas suas polêmicas com os judeus que não mais reconheciam a Septuaginta como tradução correta, Jerônimo, convencido que estava da *Veritas Hebraica*, resolveu, nesta última parte da sua vida, fazer uma tradução inteiramente nova, baseada diretamente nos originais hebraicos. Procurou aprimorar ainda mais os conhecimentos que tinha desta língua, mantendo contatos com rabis de Lida e Tiberíades, e atirou-se ao trabalho, durante o qual não quis seguir a ordem bíblica dos livros. Preferiu começar pelos de Samuel e Reis que lhe pareciam ser mais fáceis e deles passou para Salmos, Jó, Esdras, Neemias e outros, sempre fora de ordem. Segundo afirmação dele mesmo, em três dias traduziu os três livros de Salomão.

D-) VERSÃO DE JOHN WYCLIFFE

John Wycliffe era um dos homens mais eruditos do seu tempo. Tem sido chamado o primeiro protestante, porque pregou por muitos anos, proclamando as verdades bíblicas e protestando contra os erros da Igreja Católica, que então governava as Igrejas da Inglaterra. Poucos sabiam ler o latim e Wycliffe defendeu o direito de cada homem ler a Bíblia para si mesmo e resolveu dar aos ingleses uma versão no seu próprio idioma. Apesar das perseguições, conseguiu o seu intento, o Novo Testamento foi concluído em 1380. Wycliffe morreu antes de concluir o Antigo Testamento, porém seus auxiliares concluíram o seu trabalho após a sua morte. Depois de morto, seu túmulo foi aberto por ordem do Papa, e seu esqueleto foi queimado e as cinzas lançadas no rio Swift.

E-) VERSÃO WILLIAN TYNDALE

Estudou em Cambridge e Oxford, conhecia a fundo o grego e as demais línguas bíblicas. A Bíblia de Tyndale foi a primeira versão inglesa feita dos idiomas originais. Devido à grande perseguição que sofreu na Inglaterra, foi obrigado a seguir para a Europa Continental para poder continuar seu trabalho. Publicou o Novo Testamento em Worms, Alemanha, em 1525. Com a perseguição, os exemplares tiveram que entrar na Inglaterra como contrabando. Lá, quando descobertos eram queimados. Tyndale foi morto antes de concluir a tradução do Antigo Testamento. Foi estrangulado e depois queimado em 6 de Outubro de 1536, pelos católicos - romanos da Antuérpia.

F-) VERSÃO DO REI TIAGO OU VERSÃO AUTORIZADA

Seis meses após Tiago subir ao trono da Inglaterra (1603), presidiu uma conferência religiosa em Hampton, já em 1604. Dessa conferência resultou a nomeação de 54 teólogos para prepararem uma nova versão da Bíblia (mas só 41 tomaram parte na obra). Foi publicada em 1611. Continua até hoje sendo a Bíblia favorita pelos povos de língua inglesa. Há 3 séculos ela vem mantendo primeiro lugar entre as demais versões em inglês.

G-) VERSÃO ALMEIDA

João Ferreira d'Almeida foi ministro do Evangelho da Igreja Reformada Holandesa, em Batávia, então capital da ilha de Java, na Oceania. (Batávia é agora a moderna Djakarta, capital da Indonésia). Java era então domínio holandês, conquistada aos portugueses. Almeida traduziu o primeiro Novo Testamento, terminando em 1670; em 1681 foi ele impresso em Amsterdam, Holanda, isto é, 100 anos antes da primeira edição católica da Bíblia - a de Figueiredo, 1781. Almeida traduziu o Antigo Testamento até Ezequiel 48.21, quando então, faleceu em 1691. Missionários seus amigos, completaram a tradução, especialmente Jacob Apden Akker. Almeida fez sua tradução do grego e hebraico, línguas que estudou após abraçar o Evangelho. Utilizou

também as versões holandesas (de 1637) e a espanhola (de Valera, 1602). Seu Antigo Testamento foi publicado em 1753, em Amsterdam. O texto de Almeida não era muito bom por ele ter deixado Portugal muito cedo e não ter cultura profunda. A imprensa Bíblica Brasileira, publicou em 1951 a "Edição Revista e Corrigida", abreviadamente, ARC. Uma comissão de especialistas brasileiros, trabalhando de 1945 a 1955, apresentou a "Edição Revista e Atualizada" de Almeida (ARA). É uma obra magnífica com linguagem qualificada e de melhor tradução. O Novo Testamento foi publicado em 1951 e o Antigo Testamento em 1958. A publicação é da Sociedade Bíblica do Brasil.

H -) A tradução brasileira

Começou em 1904, por uma comissão de vultos do evangelismo brasileiro, nomeado pela SBA (Sociedade Bíblica Americana) e SBBE (Sociedade Bíblica Britânica de Estrangeira). O Novo Testamento foi publicado em 1910 e o antigo testamento em 1917. A tradução é muito fiel ao original. Há muita rigidez na tradução. Falta-lhe a beleza de estilo e a segurança vernacular, porque a tradução é literal, e não à base da equivalência dinâmica, como se diz em lingüística.

I -) Versões Católicas em Português

Versão do Padre português Antônio Pereira de Figueiredo - publicou o Novo Testamento em 1781 e o antigo Testamento em 1790.

Versão de Matos Soares - Também padre brasileiro. Traduziu a Vulgata. Concluiu a tradução em 1932, mas só em 1946 foi publicada. A versão é carente de fidelidade.

16 - OS LIVROS APÓCRIFOS

Nas Bíblias de edição romana, o total é de 73, porque esta seita, desde o Concílio de Trento, em 1546, incluiu ao Cânon do Antigo Testamento 7 livros apócrifos, além de 4 acréscimos ou apêndices a livros canônicos, acrescentando assim, ao todo, 11 escritos apócrifos.

A palavra "apócrifo", significa literalmente "escondido, oculto", isto em referência a livros que tratavam de coisas secretas, misteriosas, ocultas. No sentido religioso, o termo significa "não genuíno, espúrio". Os apócrifos foram escritos entre Malaquias e Mateus, ou seja, entre o Antigo Testamento e o novo Testamento, em uma época que cessara por completo a revelação divina; isto basta para tirar-lhes qualquer pretensão de canonicidade. Josefo rejeitou-os totalmente e nunca foram reconhecidos pelos judeus como parte do cânon hebraico; jamais foram citados por Jesus, nem foram reconhecidos pela igreja primitiva. São 14 escritos apócrifos, sendo 10 livros e 4 acréscimos, antes do concílio de Trento, a Igreja Romana aceitava

todos, mas depois, passou a aceitar apenas 11; os 7 livros e 4 acréscimos. A Igreja Ortodoxa Grega mantém os 14 até hoje.

Os 7 livros apócrifos contidos nas Bíblias de edição romana são:

- a) TOBIAS (Após o livro canônico de Esdras)
- b) JUDITE (Após o livro de Tobias)
- c) Sabedoria de Salomão (após o livro canônico de Cantares)
- d) ECLESIÁSTICO (Aos o livro de Sabedoria)
- e) Baruque (após o livro canônico de Jeremias)
- f) I MACABEU
- g) II MACABEU (ambos após o livro canônico de Malaquias)

Os 4 acréscimos ou apêndices são:

- a) ESTER (a Ester, 10.4 - 16.24)
- b) CÂNTICO DOS TRÊS SANTOS FILHOS (a Daniel, 3.24-90)
- c) HISTÓRIA DE SUZANA (a Daniel, cap. 13)
- d) BEL E O DRAGÃO (a Daniel cap. 14)

Os 3 apócrifos rejeitados pelos romanistas são:

- a) 3 ESDRAS
- b) 4 ESDRAS
- c) A ORAÇÃO DE MANASSÉS

A igreja romana via nos apócrifos, bases para os seus desvios doutrinários.

Convém lembrar aqui um fato importante que se deu na época da tradução da Septuaginta, simples em si mesmo, mas que teve conseqüências muito sérias e grandes. Os tradutores da Bíblia Hebraica para o Grego, nesta época, no desejo evidente de estreitar mais os liames de união entre seus compatriotas dispersos, além dos livros que pertenciam ao cânon sagrado, traduziram também alguns outros que julgaram de valor histórico, úteis, portanto, para a manutenção do espírito nacional e também para a meditação. Foi desta maneira que surgiram os livros "apócrifos" da Bíblia que os tradutores da Septuaginta e da Vulgata não tiveram, em absoluto, o desejo de incluir

no cânon sagrado. Aliás, o Concílio de Jâmnia deu as melhores provas da firmeza judaica neste sentido, quando considerou este caso um assunto já resolvido.

17 - OS LIVROS PSEUDO-EPIGRÁFICOS

Há ainda outros escritos espúrios relacionados tanto com o Antigo Testamento como com o Novo Testamento.

São chamados de pseudo-epigráficos. Os do Antigo Testamento pertencem à última parte do período inter-bíblico. Todos os livros dessa classe apresentam-se como tendo sido escritos por santos de ambos os Testamentos, daí seu título: pseudo-epigráficos. São, na maioria, de natureza Apocalíptica. Nunca foram reconhecidos por nenhuma Igreja. Os principais do Antigo Testamento chegam a 26. Os referentes ao período do Novo Testamento também nunca foram reconhecidos por ninguém como tendo canonicidade. São cheios de histórias ridículas e até indignas de Cristo e seus apóstolos. Os principais somam 24 livros.

Obs: Aos nossos 39 livros canônicos do Antigo Testamento, os católicos os chamam de "protocanônicos"; os 7 livros que chamamos apócrifos, os católicos os chamam de "deuterocanônicos", e os livros que chamamos de pseudo-epigráficos, eles chama de "apócrifos".

18 - OS LIVROS PERDIDOS

A Bíblia cita alguns livros que estão perdidos, alguns deles escritos por profetas. Contendo relatos judaicos. De maior ou menor valor. Vejamos:

- a) O Livro das Guerras do Senhor (Nm 21.14)
- b) O Livro dos Justos (Js 10.13; 2 Sm 1.18)
- c) As Crônicas do Profeta Natã (1 Cr 29.29)
- d) As Crônicas de Gade, O Vidente (1 Cr 29.29)
- e) As Profecias do Aías, o Silonita (2Cr 9.29)
- f) As Visões de Ido, o Vidente (2 Cr 9.29)

Com o conhecimento destes livros perdidos, a pergunta naturalmente feita é: "Como poderemos assegurar a nós mesmos que a Bíblia como a temos hoje é completa, é inteira, e saber que nós temos a boa e inteira vontade de Deus revelada nela?".

O mesmo fato de que aqueles outros livros foram deixados de lado é prova suficiente por si mesmo de que eles nunca deveriam ser incluídos no cânon sagrado. Porque se eles tivessem formado parte da Palavra de Deus precisavam pela sua própria natureza ter permanecido até o dia de hoje, uma vez que está escrito:

"A Palavra de Deus, a qual vive e permanece para sempre", e "A Palavra do Senhor, porém permanece eternamente". (1Pe 1.23,25).

19 - ABREVIações OU REFERências

O uso das abreviações ou referências são muito úteis nos estudos bíblicos e é necessário que saibamos usá-las. Vejamos:

a) O sistema mais simples e rápido para escrever referências bíblicas é o adotado pela Sociedade Bíblica do Brasil: duas letras sem ponto abreviativo para cada livro da Bíblia. Entre capítulo e versículo põe-se apenas um ponto. Exemplo:

- 1 Jo 2.4 (1 João capítulo 2, versículo 4)
- Fp 1.29 (Filipenses capítulo 1, versículo 29)
- Fm v.14 (Filemon, versículo 14)

b) **A referência pode levar outras indicações como:**

- "a"- indicando a parte inicial do versículo: (Rm 11.17 a)
- "b" - indicando a parte final do versículo: (Rm 11.17b)
- "ss" - indicando os versículos que seguem até o fim ou não do capítulo: (Rm 11.17ss)
- "qv"- significando "que veja". Recomendação para não deixar de ler o texto indicado.
- "cf"- significando "compare, confirme, confronte".
- "i.e."- significando "isto é".

20 - PORQUE DEVEMOS ESTUDAR A BÍBLIA

- a) Porque ela ilumina o caminho para Deus (Sl 119.105,130).
- b) Porque ela é alimento espiritual para crescimento de todos (Jr 15.16; 1 Pe 2.1,2).
- c) Porque ela é o instrumento que o Espírito Santo usa na sua operação (Ef 6.17).

21 - COMO DEVEMOS ESTUDAR A BÍBLIA

- a) Leia a Bíblia conhecendo seu autor: Deus (Jr 1.12; Is 34.16). Assim sendo, Ele mesmo no-la revelará. (Lc 24.45; 1Co2.10,12,13).
- b) Leia a Bíblia diariamente (Dt 17.19; Js 1.8).
- c) Leia a Bíblia com oração (Ef.16,17; Sl 119.18). Quando lemos a Bíblia Deus fala conosco, quando oramos falamos com Deus. A Bíblia e a oração completam-se.
- d) Leia a Bíblia aplicando-se a si próprio - (Tg 1.22) - Não devemos "importar" mensagens para a Bíblia e sim, "exportar" dela.
- e) Leia a Bíblia toda. Na Bíblia, nada é dito duma vez, nem uma vez por todas.

Conclusão: Se você não ler a Bíblia toda, não pode conhecer a verdade completa. Não espere compreender a Bíblia toda. (Dt 29.29). É evidente que Deus sabe infinitamente mais que todos os homens juntos. A Bíblia, sendo um livro divino, é inesgotável. Não existe entre os homens ninguém "formado" na Bíblia.

22 - Como Podemos Entender a Bíblia

- a) Credo, sem duvidar, no que ela ensina (Lc 24.21,25). A dúvida é um empecilho à compreensão às Escrituras.
- b) Lendo-a com amor e prazer e com fome de aprender as coisas de Deus (Mc 20.12,37; 1Pe 2.2; Pv2.3-5)
- c) Crescendo sempre espiritualmente (Hb 5.13,14). A Palavra de Deus deve ser estudada, ao mesmo tempo em que o Deus da Palavra deve ser amado e adorado. (2 Pe 3.18).
- d) Sendo cheio do Espírito Santo - Ele conhece as coisas profundas de Deus. (2Co

2.10).

- e) Sendo humilde (Tg 1.21; 2 Pe 5.5,6)
- f) Disposição de agradar a Deus - Ao ler a Bíblia aplica-se primeiro a ti mesmo. Evita ser apenas um curioso e especulador. (Sl 119.33; Jo 13.17).
- g) Participando das reuniões de estudo bíblico - Deus tem vasos escolhidos não só para pregar, mas também, para ensinar (1Co 12.28). Há crentes que gostam de todo tipo de reuniões , menos as de estudo bíblico. Devemos querer ser de Apolo - o pregador -, mas também, de Paulo o mestre (1 Co 3.4), isto é, não devemos desprezar o ensino bíblico; crescendo sempre na graça e no conhecimento (2 Pe 3.18; Ef 4.13).

Bibliografia:

A nossa Bíblia e os Manuscritos do Mar Morto. Dr.Renato E. Oberg

A Bíblia Sagrada ARC

Apostilha - introdução Bíblica/STPLM

Cruvinel, R. C - Apostilha sobre Bibliologia - SPP

Cruvinel R. C - Apostilha de Introdução Bíblica/ITICPBB

Gilberto, Antonio - A Bíblia através dos Séculos

Gilberto, Antonio - Manual de Escola do Minical